

## PARA UMA SINTAXE DA REPETIÇÃO\* Língua Falada e Gramaticallização

*Ataliba T. de Castilho\*\**

### Apresentação

A partir do final dos anos 60, grupos de pesquisadores afiliados a universidades espalhadas pelo mundo se engajaram na tarefa de constituir, transcrever e descrever corpora de língua falada (LF).

Pela primeira vez, a Lingüística pôde pôr em marcha um programa sistemático de investigações sobre a oralidade. Em toda a sua história, a reflexão lingüística sempre esteve atravessada pela idéia de que a LF é a manifestação primordial da linguagem, e seu objeto primeiro de estudos. Mas esses belos propósitos só puderam se transformar em ações efetivas depois de uma circunstância um tanto banal, que foi a invenção do gravador portátil.

Surgiram então vários projetos de pesquisa, que tomaram a língua falada como seu objeto específico. No domínio da Língua Portuguesa, lembrem-se o “Projeto do Português Fundamental” conduzido em Portugal de 1970 a 1987 pelo Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa e, no Brasil, entre outros, o “Projeto NURC” desde 1970, e o “Projeto de Gramática do Português Falado” desde 1988: Castilho (1990), (1994), (1996b,c). Os franceses organizaram em 1987 o seu “Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe” os italianos o “Lessico Italiano di Frequenza” desde 1991, os alemães o “Heutiges Deutsche” desde os anos 70, e os americanos o projeto “Conversation and Syntax” desde 1993.

---

(\*) O texto reproduz a prova pública de erudição do Concurso para Professor Titular em Filologia e Língua Portuguesa da USP.

(\*\*) Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH/USP.

Os ensaios e livros produzidos por esses grupos estão suscitando um debate teórico sobre o que é a LF. e em que consiste descrever essa modalidade.

Um ponto comum nesses debates parece trazer água para o moinho da Gramática Funcional, entendida como um *modelo do processamento verbal*. Estou querendo dizer que em sua maior parte, os trabalhos aludem ao fato de que os processos documentados na LF são por demais evidentes para que sua descrição se limite à recolha e à classificação dos produtos.

O objetivo deste ensaio é participar desse debate, (i) propondo a gramaticalização como um dos processos constitutivos da LF. e (ii) mostrando que o procedimento discursivo da repetição desencadeia o processo da gramaticalização, fato que não tem sido apontado na literatura específica.

Os seguintes itens organizam este texto: (1) Formulações teóricas sobre a LF. (2) Gramaticalização e LF (3) Repetição e Gramaticalização.

Os exemplos aduzidos provêm das entrevistas do Projeto NURC/Brasil, gravadas entre 1970 e 1976, e de entrevistas gravadas no primeiro semestre de 1996, com alunos de Letras da USP. As primeiras foram parcialmente publicadas em Castilho-Preti (Orgs. 1986, 1987), Preti-Urbano (Orgs. 1988), e são referenciadas segundo o hábito que aí se firmou: tipo de entrevista (EF = Elocuções Formais, DID = Diálogo entre um Informante e o Documentador e D2 = Diálogo entre dois Informantes), sigla da cidade participante (REC = Recife, SSA = Salvador, RJ= Rio de Janeiro, SP= São Paulo, e POA = Porto Alegre), número da entrevista e e indicação das linhas da transcrição. As entrevistas com os alunos de Letras estão arquivadas na Sala de Projetos de Filologia e Língua Portuguesa, e são referenciadas por LPVII, 1996, isto é, Curso de Língua Portuguesa VII (Língua Oral), ano de 1996.

## FORMULAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A LÍNGUA FALADA

Neste item, resenho sumariamente as posições teóricas assumidas por grupos de pesquisadores que escolheram a LF como seu objeto empírico.

## Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe

Do ponto de vista metodológico, uma das contribuições do “Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe” foi a proposta de um processo de transcrição bi-axial dos dados, que representa uma pré-análise das mais interessantes: Blanche-Benveniste et alii (1979). Nessas transcrições, as famosas “grades da língua falada” o eixo sintagmático se combina com o eixo paradigmático, e assim transcritos, os materiais revelam o dinamismo essencial da LF.

Do ponto de vista teórico, o GARS defende uma “*séparation stricte des niveaux et des plans d’analyse: (...) la morpho-syntaxe comme point de départ (...) en laissant intacts le lexique ou le discours (...). Exploitation maximale du grammatical avant le discoursif, du syntaxique avant le lexical*”: Blanche-Benveniste (Éd. 1990: 6; v. também pp. 36 e 116).

A aplicação desses princípios levou a uma divisão do campo em duas áreas, que mantêm uma relação dialética entre si: a da sintaxe e a da macro-sintaxe.

A sintaxe vem sendo descrita através da “abordagem pronominal” que consiste em reduzir a sentença à sua estrutura esquelética, isto é, às possibilidades de combinação do verbo com os pronomes, no quadro da teoria da recção e da valência: Blanche-Benveniste et alii (1984). Essa sintaxe “*s’occupe des constructions fondées sur des catégories grammaticales, comme le verbe, le nom ou l’adjectif*” Mas não apenas a sentença entra aqui. Na verdade, num dos momentos mais controvertidos desta visão, rejeita-se a sentença como uma unidade da sintaxe, e outras unidades integram igualmente esse componente, como determinadas palavras e organizações sintagmáticas em que não poderei deter-me aqui.

O componente macro-sintático “*est un domaine différent: il s’agit des relations qu’on ne peut pas décrire à partir des rections de catégories grammaticales; ainsi, une relation de dépendance ou d’interdépendance s’exerce entre les parties a et b des exemples suivants, et pourtant a n’est pas régi par b ni b par a: ‘(a) plus je cours (b) plus je deviens sportif; (a) les uns se plaignaient (b) les autres s’en moquaient (...)*” A unidade da macro-sintaxe é o **nó**, que pode ser

preenchido por unidades sintáticas (verbais, nominais, adjetivais, preposicionais), por elementos como “*oui, non, pas question, d'accord, tant pis, tant mieux*” ou por agrupamentos complexos de que nenhum componente, bem formado sintaticamente, poderia por si mesmo constituir-se no nó, como “*plus je joue mieux je joue*”. O nó macro-sintático pode ser acompanhado de **prefixos** e/ou de **sufixos**, aqui entendidos como constituintes que não dão surgimento ao nó, mas que o antecedem ou o seguem. Exemplo disso vem à pág. 115: em “***de toute façon vous avez pas intérêt à me faire payer car ça pourrait vou coûter cher hein***” em que as expressões grifadas correspondem, respectivamente, ao prefixo e ao sufixo do nó. O argumento aqui é que não se obtém uma construção sintaticamente aceitável reunindo o prefixo e o sufixo: \* “*de toute façon car ça pourrait vous coûter cher*”: Blanche-Benveniste (Éd. 1990, pp. 113 e 116).

Parece-me que “a separação estrita dos níveis e dos planos de análise” poderá passar uma imagem demasiado estática da LF, obscurecendo os processos de gramaticalização, claramente revelados pela metodologia da transcrição bi-axial. Colegas portugueses têm repercutido as pesquisas do GARS: Nascimento (1987), Mota (1989).

## Lessico Italiano di Frequenza

Os italianos sustentam que na língua falada quebra-se a linearidade como um critério descritivo, comprometendo-se a abordagem estática e introspectiva da sentença. Esta unidade passa a ser vista como o lugar em que as gramaticalizações se desencadeiam, e não como o lugar das estruturas “bem comportadas”. Assim, para a gramática da língua falada, como na física, não teriam interesse os fenômenos lineares, determinísticos, e sim o mundo da probabilidade, o mundo do esfacelamento caótico. Sornicola (1994: 120 e 125) ecoa fortemente as idéias de Tullio de Mauro a esse respeito, quando afirma que “*Le oscillazioni e fluttuazioni, talora impercettibili all'orecchio umano, talora de grande entità, che caratterizzano il parlato spontaneo, possono essere meglio comprese proprio all'interno di un quadro concettuale incentrato sulla complessità e sul non determinismo*” (...) *A me sembra che i modelli strutturali*

*tradizionali non siano i più adatti a rappresentare la dimensione dinamica del parlato spontaneo”*

## Conversation and Syntax

Os americanos desenvolveram, como se sabe, a Análise da Conversação, abundantemente praticada no Brasil. A partir de 1993, o artigo fundacional de Ono-Thompson (1993) dá início a um ambicioso plano de pesquisas. Trata-se de realizar leituras sintáticas das descobertas dos etnometodólogos, promovendo uma interface entre a Sintaxe e a Fonologia, e entre a Sintaxe e a Análise da Conversação. Está em elaboração o embasamento teórico da iniciativa, por ora denominada Sintaxe Conversacional / Sintaxe Interativa / Gramática Emergente. Trata-se, provavelmente, de um novo movimento dentro da Gramática Funcional em que as estruturas são associadas à interação, e não exclusivamente aos conceitos. No Brasil, Dias de Moraes (1987), Marcuschi (1988) e Castilho (1989) tinham antecipado esse debate.

A interface com a Análise da Conversação levou os lingüistas americanos a recolherem uma série de sugestões contidas em Sacks-Schegloff-Jefferson (1974). Sustenta-se nesse texto que o sistema de tomada de turnos na Conversação pode ser descrito em termos de dois componentes e de um conjunto de regras. Os componentes são o de construção de turno e o de alocação dos turnos. Sentenças, cláusulas, sintagmas e itens lexicais constituem as *unidades de construção de turno* (UCTs). Já a *habilidade de projetar o final de um turno e decidir sobre o momento de entrada na corrente da fala* é uma regularidade que configura o componente de alocação dos turnos.

Ora, Sacks-Schegloff-Jefferson (1974) estavam justamente se dirigindo aos sintaticistas quando afirmaram que *“it seems productive to assume that, given conversation as a major, if not THE major locus of language’s use, other aspects of language structure will be designed for conversational use and, pari passu, for turn-taking contingencies”* (p. 722). E mais além: *“It is expectable, then, that some aspects of the syntax of a sentence will be best understood by reference to the jobs*

*that need to be done in a turn-in-a-series, turns being a fundamental place for the occurrence of sentences”* (p.723).

Thompson destaca que levou tempo para que os lingüistas buscassem o correlato sintático do princípio conversacional de projetabilidade, ou mesmo do componente de construção de turno. Vários estudos sobre as UCTs têm revelado como a sintaxe emerge dos turnos conversacionais: *“Our discussion begins with the general fact, discussed extensively in the CA literature, that conversation itself is an interactional achievement. A reasonable corollary of this fact would be that the production of syntactic units is itself also an interactional achievement”*: Ono-Thompson (1994, p. 4).

Os pesquisadores associados ao projeto de Sandra Thompson não aceitam os postulados da *gramática a priori*, entendida como um conjunto de regras lógica e mentalmente pressupostas no discurso. No lugar disso, eles sustentam o que vem sendo chamado de gramática emergente, isto é, um conjunto de segmentos recorrentes e sedimentados, no sentido de gramaticalizados, *“whose status is constantly being renegotiated in speech and which cannot be distinguished in principle from strategies for building discourses”*: Hopper (1988: 118). Esse modelo vê a língua como uma atividade no tempo real, cujas regularidades são provisórias e continuamente sujeitas à negociação, à renovação e ao abandono. A língua é, portanto, heterogênea. A rigor, não existe gramática, existe gramaticalização.

As citações acima evidenciam – com uma ou outra exceção – que a maioria dos lingüistas brasileiros e estrangeiros envolvidos na reflexão sobre o oral sustenta que essa modalidade é majormente caracterizável pelos processos de criação lingüística que ela documenta. Há uma quase unanimidade em torno desta equação: língua falada é o mesmo que um conjunto de processos.

## Projeto de Gramática do Português Falado

Às vésperas da consolidação dos resultados até aqui obtidos, parece que os pesquisadores do PGPF estão decididos a contrariar a expectativa dos consulentes de uma gramática de referência, a

saber, encontrar ali, devidamente hierarquizados, um conjunto de produtos lingüísticos, dispostos em planos classificatórios mais ou menos convincentes.

De fato, muitos pesquisadores não concordam com essa abordagem, pelo que ela encerra de escamoteadora do fenômeno oral. A inclinação predominante é a de caracterizar primeiramente os processos acionados pelo falante, para num segundo momento chegar aos produtos, ao enunciado: Nascimento (1993b).

Tomando o PGPF como um todo, pode-se reconhecer que seus pesquisadores passaram por três momentos na orientação teórica que imprimiram às suas pesquisas: (1) o do reconhecimento de suas diferenças, que separam formalistas de funcionalistas, segundo era voz corrente no I Seminário, realizado em 1988: Castilho (1990b); (2) o da manutenção das diferenças, mas com pequenos sinais de convergência, o que se pode constatar mediante a leitura da produção gerada entre 1989 e 1990; (3) o da postulação da língua falada como o lugar dos processos, antes que o lugar dos produtos, posição que se tornou mais nítida a partir de 1992: Nascimento (1993a) e Castilho (1995c). Assim, do projeto original de compor uma gramática com posições teóricas assumidamente distintas, evoluiu-se lentamente para a possibilidade de chegar a resultados mais integrados, relevantes para o entendimento das especificidades da língua falada.

Essa terceira fase foi assim formulada por Nascimento (1993b):

- a) *Uma concepção da linguagem como uma atividade, uma forma de ação, a verbal, que não pode ser estudada sem se considerar suas principais condições de efetivação.*
  
- b) *A pressuposição de que, na contingência da efetivação da atividade lingüística do falante/ouvinte [na produção e recepção de textos] temos a manifestação de sua competência comunicativa, caracterizável a partir de regularidades que evidenciam um sistema de desempenho lingüístico constituído de vários subsistemas.*
  
- c) *A pressuposição de que cada um desses subsistemas constituintes do sistema de desempenho lingüístico [o Discursivo, o Semântico, o*

*Morfossintático, o Fonológico...]* é caracterizável em termos de 'regularidades' definíveis em função de sua respectiva natureza.

- d) *A pressuposição de que um dos subsistemas constituintes desse sistema de desempenho lingüístico é o subsistema Computacional, [entendido como uma noção mais ampla que a de Língua I], definível em termos de regras e/ou princípios envolvidos na organização morfossintática e fonológica dos enunciados que se articulam na elaboração de qualquer texto.*
- e) *A pressuposição de que o Texto é o lugar onde é possível identificar as pistas indicadoras das regularidades que caracterizam o referido sistema de desempenho lingüístico.*

## GRAMATICALIZAÇÃO E LÍNGUA FALADA

As afirmações de Milton do Nascimento acima transcritas reúnem magistralmente o essencial do debate que os pesquisadores do PGPF vêm desencadeando. Vou parafraseá-las, mesmo correndo o risco de, repetindo-as, acabar por dizer outra coisa.

(1) *A língua é uma atividade*, é uma manifestação dinâmica da mente humana. Para descrevê-la e explicá-la, admitindo-se a factibilidade dessa empresa, teremos de optar por um arsenal que incorpore o próprio dinamismo de que ela é feita. Precisamos, portanto, de um processo analítico que disponha de categorias processuais.

(2) Ao desempenhar a atividade lingüística, o falante/ouvinte opera sobre *sistemas e sub-sistemas*, caracterizáveis por suas regularidades. Em outros termos, ele se desloca das motivações discursivas que desencadearam essa atividade para as estruturas lingüísticas que as representam, indo da produção para o produto, da enunciação para o enunciado.

(3) Um *sub-sistema computacional*, alojado no coração do desempenho lingüístico, seria o grande gerenciador do trâmite "ne-



cessidade discursiva > sistema do desempenho lingüístico” Nascimento opera aqui com um raciocínio (e uma terminologia) gerativistas que não implicam necessariamente nesse “trâmite” que aqui fica creditado à minha leitura. Para outras interpretações das idéias de Nascimento, v. Kato (1996).

A partir desses três pontos, vou propor duas perguntas (i) que teoria lingüística estaria na base das pesquisas do PGPF sintetizadas por Nascimento ? (ii) que se pode entender por “processos lingüísticos” ?

Para encaminhar as respostas, tratarei dos seguintes tópicos: (i) uma teoria modular da língua, (ii) processos cognitivos de gerenciamento dos módulos lingüísticos postulados nessa teoria, e (iii) a gramaticalização como um processo de constituição das expressões na LF.

### Teoria Modular da Língua

Uma teoria modular da língua, mesmo que não explicitada, perpassa muitos dos 102 ensaios escritos pelos 35 pesquisadores filiados ao PGPF.

Os primeiros passos na postulação dessa teoria foram dados, na Lingüística Moderna, por Morris (1938). Nesse texto, ele estabelece os domínios da Sintaxe (= estudo da relação de signos entre si), da Semântica (= estudo da relação dos signos com seu referente) e da Pragmática (= estudo da relação dos signos com seus usuários).

Franchi (1977 1991) reconhece implicitamente os três módulos mencionados por Morris, e agrega que eles são articulados pelo Léxico, insistindo em que não há relações de determinação entre eles. Lembro que Franchi não se serve do termo “módulos” preferindo “sistemas” Esses módulos / sistemas, sempre segundo Franchi, devem ser concebidos de tal forma que se preserve a autonomia de cada um, e o lingüista buscará, quando muito, identificar regras de correspondência entre eles.

Vou admitir que cada módulo é caracterizado por um conjunto de propriedades, inscritas nos itens que integram o Léxico, que

adquire portanto um papel central em minha leitura dessa teoria. Esta afirmação não tem nada de original, pois o Léxico é reconhecido em várias teorias gramaticais como uma sorte de componente essencial. Ele será aqui considerado como um componente lingüístico primitivo, no sentido de que não deriva de outras instâncias da língua. Ao contrário, o Discurso, a Semântica e a Gramática é que são referenciados ao Léxico. Desnecessário sublinhar que os módulos aqui referidos correspondem a uma divisão artificial da língua, necessária para ordenar argumentos descritivos e explanatórios. Ou, se se preferir, para “pôr as idéias no lugar”

A seguir, procedo a uma caracterização sumária desses módulos.

A referenciação, a predicação, a dêixis, a foricidade e a conexão, entre outras, são *propriedades semânticas* dos itens lexicais.

As classes, as relações que entre elas se estabelecem, as funções que essas classes assumem no enunciado, bem como sua representação fonológica e morfológica, provêm as *propriedades gramaticais* dos itens.

O sistema de turnos e de correções, a organização tópica, o arranjo dos tópicos em unidades discursivas e os operadores da coesão textual podem ser postulados *como propriedades do discurso*.

As propriedades acima integram uma lista meramente ilustrativa, e nem de longe esgotam os campos da Semântica, da Gramática e do Discurso. Vou admitir que elas são administradas por processos cognitivos prévios à verbalização.

## Processos Cognitivos Gerenciadores dos Módulos Lingüísticos

Vou hipotetizar que as propriedades lexicais são suscitadas por um conjunto de processos cognitivos não seqüenciais, simultâneos. Esses processos são “cognitivos” no sentido de que são pré-verbais, e só podem ser postulados através de evidências externas. Não são seqüenciais, no sentido de que sua aplicação não hierarquiza os módulos lingüísticos em sua administração pelos falantes. De fato, não é possível sustentar empiricamente que os processos

cognitivos aqui postulados fluem unidirecionalmente de um dos módulos para os outros, como, por exemplo, do Discurso para a Semântica, e desta para a Gramática, ou, ao contrário, da Gramática para a Semântica e desta para o Discurso. A fixação de uma hierarquia entre os módulos só é cabível no quadro das proposições de uma teoria lingüística específica.

Do meu ponto de vista, o conjunto dos estudos elaborados até aqui pelo PGPF permite identificar três desses processos, que poderiam ser assim denominados: *ativação*, *reativação* e *desativação*. Em Castilho (1994) e (1996a) eu os tinha chamado de “construção” “reconstrução” e “descontinuação”. Alertado por pesquisadores do PGPF, dei-me conta de que em qualquer um desses processos sempre se estão “construindo” enunciados, e por isso optei pela nova designação.

A *ativação* será postulada como o processo que seleciona itens e suscita suas propriedades semânticas, discursivas e gramaticais. Resultam daqui (i) no Discurso, a constituição do texto, de suas unidades e formas de conexão; (ii) na Semântica, a constituição dos sentidos lexicais, dos significados composicionais e das significações contextuais; (iii) na Gramática, a constituição das sentenças e de suas representações sintática, morfológica e fonológica.

A *reativação* é o processo pelo qual suscitamos de novo itens e propriedades previamente ativadas. A repetição ou recorrência de seqüências textuais e de itens, a paráfrase ou recorrência de conteúdos, são manifestações da reativação que se aplicam, respectivamente, aos módulos discursivo, gramatical e semântico.

A *desativação* é o processo de abandono de itens e propriedades que vinham sendo ativadas. As “despreferências conversacionais” as digressões e os parênteses textuais são desativações que afetam o módulo discursivo. As rupturas na ordem da adjacência, as elipses, os anacolutos, os morfemas e sintagmas descontínuos e as pausas são desativações no módulo gramatical. A perda de propriedades intensionais (ou “desbotamento” do Ing. *bleaching*) pode ser entendida como um tipo de desativação de propriedades semânticas de um mesmo item.

Volto a insistir em que esses processos cognitivos são “simultâneos” Propriedades do Discurso, da Semântica e da Gramáti-

ca alojadas no Léxico são ativadas num mesmo ato de fala, em consequência das análises a que os interlocutores sujeitam a situação lingüística em que estão envolvidos, selecionando estratégias para sua abertura, manutenção ou encerramento.

Em suma, parece-me que se desdobram em dois os processos intuídos por tantos lingüistas do oral: um elenco de processos pré-verbais (*ativação, reativação e desativação*), e um elenco de processos verbais, de que resultam as categorias discursivas (= processo de *discursivização*), gramaticais (= processo de *gramaticalização*) e semânticas (= processos de *semantização*). Esse aparato dá conta da criação das expressões lingüísticas, seja na língua falada, seja língua escrita, conquanto sua visibilidade maior ocorra na primeira modalidade.

Neste trabalho, vou concentrar-me na reativação de propriedades gramaticais, mostrando que esse é um dos caminhos da gramaticalização.

## Gramaticalização e Língua Falada

Entendo por gramaticalização um conjunto de alterações semânticas e gramaticais de determinados itens lexicais, em seu trajeto de “forma livre” para “forma menos livre” e até mesmo para “forma presa” Essas alterações ocorrem no tempo real e no tempo aparente. Podemos identificar aí *estágios gramaticais* e *procedimentos semânticos* co-ocorrentes, sujeitos a *princípios gerais*.

Os estágios gramaticais compreendem a sintaticização, a morfologização, a redução fonológica, e o estágio zero, fase que reinstaura todo o processo.

Os procedimentos semânticos compreendem a metáfora, que é um processo cognitivo de transferência de um sentido A para um sentido B, por haver alguma similaridade entre eles, e a metonímia, que é um processo estrutural de mudança de sentido, desencadeado pela proximidade sintática de itens.

Tem-se postulado que os seguintes princípios regem esses estágios: a analogia, a reanálise, o gradualismo e a unidirecionalidade.

Não poderei detalhar todos os tópicos acima, que examinei em Castilho (1996a). Limito-me a uma apresentação resumida dos estágios gramaticais, concentrando-me em seguida na sintaticização, de maior interesse para os objetivos deste trabalho.

A *sintaticização* de um item é sua recategorização lexical, isto é, uma “classe de palavra X” passa a “classe de palavra Y” bem como sua categorização funcional, isto é, um item lexical assume um papel funcional na sentença.

- (i) A recategorização lexical afeta todas as classes de palavras. Nas do *Grupo Verbal*, um Verbo Pleno se transforma em Verbo Funcional, e este em Verbo Auxiliar. Nas do *Grupo Nominal*, um Verbo ou um Adjetivo se transformam em Substantivo. Nas do *Grupo Pronominal*, Demonstrativos e alguns nominais se transformam em Pronome Pessoal ou em Artigo. Nas do *Grupo Adverbial*, Nomes e Verbos se transformam em Advérbios. Finalmente, nas do *Grupo dos Nexos*, Nomes, Verbos e Advérbios se transformam em Preposições e em Conjunções.
- (ii) Através da categorização funcional, itens lexicais passam a integrar estruturas temáticas, argumentais e de adjunção, dando origem à sentença.

A *morfologização* é a criação de formas presas, sejam afixos flexionais, sejam afixos derivacionais. Afixos flexionais verbais podem constituir-se a partir de Pronomes Pessoais e de Verbos Plenos. Afixos derivacionais se constituem a partir de Substantivos.

A *redução fonológica* é o processo de gramaticalização mais visível, ocorrendo quando uma forma livre se reduz a um afixo. Braga (1994: 17) menciona “a relação inversa entre a dimensão dos vocábulos e sua freqüência de uso” formulada por Zipf, a que agrega “a atuação de um princípio icônico, qual seja, o princípio de que ao conceito familiar se atribui uma expressão reduzida”

Finalmente, um morfema tão trabalhosamente construído pode desaparecer, consumando-se o processo de gramaticalização no *estágio zero*, que é a conseqüência de uma cristalização extre-

ma. O estágio zero mostra que um longo processo de gramaticalização produz categorias fixas, rígidas, inalteráveis. Elas se tornam, por isso mesmo, antifuncionais. A cristalização de estruturas contraria a natureza mesma da língua, no que ela tem de dinâmico, criativo, de transitório, de re-elaborador. Os argumentos de Franchi (1977: 32) em favor da linguagem como uma atividade de permanente reformulação caem aqui como uma luva: *“A linguagem na medida em que ‘dá forma’ é bem já uma atividade quase-estruturante, mas não necessariamente ‘estruturada’, no sentido estrito do termo, ou se concebermos ‘estrutura’ como uma organização estável de categorias. (...) A linguagem natural permanece sempre o instrumento de uma prática primitiva de estruturação dos fatos da experiência, de revisão e reformulação: uma espécie de ‘lógica’ primitiva e fraca que não se cinge às restrições das propriedades formais”*

O estágio zero é o momento máximo de exaustão da estrutura, e anuncia a retomada do processo contínuo que é a gramaticalização.

Essa brevíssima resenha do que seja a Gramaticalização mostra que a Repetição, um dos fenômenos mais comuns da LF, ainda não teve avaliadas suas conseqüências no processo de constituição da gramática dessa modalidade. Ora, as Repetições têm aqui um papel importante. Por seu intermédio, o falante recategoriza classes de palavras, constitui unidades sintagmáticas e organiza os constituintes funcionais da sentença.

No próximo item, procuro identificar o papel da Repetição na sintaticização de itens lexicais, estabelecendo relações entre a Conversação e a Sintaxe.

## REPETIÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO

A Repetição (R) de expressões lingüísticas decorre de pelo menos dois mecanismos discursivos presentes na Conversação:

- (i) O *sistema de turnos*, estudado entre nós por Marcuschi (1986), (1990), (1993), Galembeck et alii (1990), (1993), é o

conjunto de procedimentos através dos quais os interlocutores alternam suas intervenções, fazendo da conversação um conjunto de turnos.

- (ii) O *sistema de correções*, descrito por Pessoa de Barros (1993), é o conjunto de procedimentos utilizados pelo falante, que refaz sua fala, nas autocorreções, ou a fala do interlocutor, nas heterocorreções, para assegurar seu direito à voz ou para “assaltar” o turno de quem o detém.

Tanto num caso quanto noutro, os interlocutores reativam itens lexicais, repetindo-os, verbalizando com isso conteúdos referenciais, conativos e emotivos. Mas o que importa destacar aqui é que, ao mesmo tempo, são verbalizadas as estratégias mesmas de criação do texto lingüístico, procedimento que permite ao observador desvendar importantes mecanismos de constituição e funcionamento da linguagem.

Existe uma considerável literatura sobre a R na LF em que foram considerados os módulos discursivo, semântico e gramatical.

Parece claro que a R tem uma visibilidade maior como processo de organização do texto e das significações. Sobre a R na organização do texto, lembro Ramos (1984), Travaglia (1989), Koch (1990), (1992), Dutra (1990), Marcuschi (1992) e Oliveira (1994). Sobre a R na organização das significações, Hilgert (1989), (1993).

A abordagem gramatical da R aparece num universo mais reduzido de estudos.

Casteleiro (1975) tratou da “*redundância sintática e expressiva*” enumerando casos em que a R dá lugar aos quiasmos e às topicalizações.

Perini (1980) tinha hipotetizado que a função da R não contígua é restaurar a estrutura canônica das sentenças, através da sintaticização de segmentos fragmentados. Em seus dados, esse mecanismo explica 60% dos casos.

Blanche-Benveniste (1985) sustenta que a R deveria receber “*um estatuto de descrição lingüística, independentemente do efeito agradável ou desagradável que suscita*” (p. 110). Em Blanche-Benveniste

(1991: 176-182) ela volta ao assunto, genericamente intitulado “configurações”, examinando as Rs lexicais, os deslocamentos de itens e as Rs de estruturas.

Dik (1989: 52) dá pistas para o estudo da geração das sentenças, quando afirma que *“um falante pode começar [a produção de uma sentença] pela seleção da moldura do predicado, especificando em seguida os termos por ele requeridos, e assim produzir uma predicação plena, ou, então, pode começar pela formação de um ou mais termos, e então selecionar a moldura do predicado para chegar a uma predicação apropriada”* O estudo da R dos Nomes comprova empiricamente esta afirmação de Dik.

Braga (1990) hipotetiza que o estudo das Rs pode levar à identificação do “sotaque sintático” Neves e Braga (1996) trataram dos padrões de R na articulação de orações, focalizando as causais e as condicionais. Pezatti (1996) e Camacho (1996) estudaram, respectivamente, a R do juntivo *ou* e das coordenadas aditivas.

Castro (1994) mostrou que Adjetivos e Nomes repetidos, como em

*(1) comprou um lenço **claro claro**. Não é **pajem pajem**... é arrumadeira*

não ocupam o mesmo lugar no eixo paradigmático, devendo antes ser analisados como integrantes do eixo sintagmático, visto que o segundo item toma o primeiro como seu escopo, produzindo um efeito de restrição da extensão. Esse processo implica em comprometer a protipicidade do primeiro item, afirmando a protipicidade do segundo.

Uma série de intuições atravessa esses estudos, e ainda estamos longe de uma síntese. Creio que os processos e princípios que vêm sendo debatidos no âmbito das pesquisas sobre a gramaticalização podem ajudar na busca dessa síntese. Assim, procuro neste trabalho dar uma contribuição ao estudo do papel gramatical da R, restringindo o campo de observação à recorrência de Nomes e de Verbos, mesmo quando não fonologicamente representados, e tomando a sentença como o recorte máximo de observação.

Do ponto de vista metodológico, para fazer uma análise gramatical da LF será conveniente dispor de uma transcrição especifi-



ca dos dados, que represente uma sorte de pré-análise. Neste particular, o método criado por Blanche-Benveniste et alii (1979) me parece altamente relevante. Partindo da concepção saussuriana de que as línguas naturais se desenvolvem em dois eixos, o sintagmático e o paradigmático, propõe-se uma transcrição bi-axial, por “grades” que permita visualizar com clareza os arranjos sintáticos. As grades são formadas por segmentos horizontais, que representam o eixo sintagmático da língua, e por segmentos verticais, que representam o eixo paradigmático.

Adotarei com pequenas alterações essa metodologia, assinalando por **M** o segmento matriz, e por **R** o segmento repetido. Vejamos alguns exemplos transcritos nessa forma, com a exceção de (2):

(2) [narrando um desastre]

por que o trem é assim... tem uma filha de uma... e nós duas aqui...nessa de duas...ele ficou lá perdido... né... porque ele tava de lá...**M minha tia gritando e ele não respondia...**minha tia já imaginou o pior e eu não dava vontade de gritar nada... fiquei pastel lá... minha tia em cima de mim...eu não podia nem levantar...**R minha tia gritava e ele não respondia...** não fazia nada...e o desespero que a gente só olhava pros outro... todo mundo machucado... todo sujo de sangue...

(Ramos 1984: 16).

(3)

<b>M</b>	o::	
<b>R</b>	o::	eu não sei bem

(DID SP 18: 65)

(4)

<b>M no caso</b>	do::	
<b>R</b>	do::	eu não sei bem
bom..		sei lá..

(5)

<b>M é</b>	<i>um</i>	
<b>R1</b>	<i>um</i>	
<b>R2</b>	<i>uma peça</i>	
<b>R3</b>	<i>um Ø</i>	
<b>R4 mas</b>	<i>essa Ø</i>	<i>tinha tanta molecada</i>

(DID SP 234: 125)

(6)

<i>O trabalhador recebe</i>	<i>aquilo</i>	
	<i>aquilo</i>	<i>a que tem direito</i>

(D2 SP 250: 89)

(7)

<i>(quando eu ia bem pequeno à fazenda)</i> <i>ai M</i>	<i>tinha</i>	<i>café</i>
<b>R</b>	<i>tinha</i>	<i>bastante café</i>

(8)

<b>M</b>	<i>peixe</i>	
<b>R1</b>	<i>peixe</i>	<i>aqui no Rio Grande do Sul</i>
		<i>exclusivamente na Semana Santa</i>
<b>R2 eu tenho impressão que se come</b>	<i>peixe</i>	

(D2 POA 291: 25-26)

(9)

<b>M</b> a gente não enxerga	por bloqueio	
<b>T</b>	e esse bloqueio	tem de acabar

(EF RJ 251: 67)

(10)

<b>M</b> só depende	da temperatura	
<b>R</b>	mas a temperatura	muda

(EF RJ 251: 176)

(11)

<b>M</b> funciona mal	aquele negócio de...	
<b>R</b>	aquele negócio de limite idade	funciona muito mal

(D2 SP 360: 980).

Uma rápida inspeção nesses dados permite logo de entrada verificar a enorme complexidade que envolve a R. Nesta pré-análise, destaco os tipos de R, e aponto seu papel na criação das estruturas sintáticas.

### Pré-análise dos dados

#### Tipos de Repetição

Em (3) e seguintes, temos uma *R contígua*, por contraste com (2), em que há uma *R não contígua*.

Pode-se distinguir a *R idêntica*, quando os segmentos M e R apresentam materiais lingüísticos iguais, estruturados da mesma forma, e desempenhando a mesma função, da *R alteradora*, quando o segmento R adiciona / subtrai / substitui materiais de M, ou mesmo recategoriza sintaticamente M; é o caso de (5) a (7), (9) a (11).

### A R e a criação de estruturas sintáticas

Os exemplos de (3) a (8) mostram como se constitui a *estrutura do sintagma* na LF, através da R: em (3) e em (4) tivemos sintagmas abortados, em casos de hesitação; em (6) e em (7), agregou-se um Complementador ao Sintagma Nominal.

Em (11), a R levou à construção de uma *estrutura sentencial especular*. A R movimentou o constituinte pós-verbal para a esquerda, dando origem a um quiasmo.

Em (5), uma R alteradora teve por efeito a elipse de constituintes: o núcleo “peça” é apagado em R3, logo após sua inserção. A elipse pode ser considerada como o passo extremo no processo de R. Segundo Marcuschi (1988), a elisão de sintagmas repetidos ocorre freqüentemente “da esquerda para a direita” como em:

(12)

<b>M</b>	<i>não é mais</i>	<i>aquela pessoa</i>	<i>assim admirável</i>	
<b>R1</b>		<i>aquelas pessoas</i>	<i>calmas</i>	
<b>R2</b>		∅	<i>tranqüilas</i>	
<b>R3</b>		∅	<i>que</i>	<i>a calma</i>
<b>R4</b>		∅	<i>dificilmente perdem</i>	
<b>R5</b>		∅	<i>∅ perdem</i>	<i>o controle</i>
<b>R6</b>		∅	<i>∅ falam</i>	
			<i>∅ falam ∅ pausadame nte</i>	

(D2 SP 360: 121-126).

Ao contrário, a R alteradora por adição de constituintes opera da direita para a esquerda, como de (6) a (8).

Essa pré-análise deve ter evidenciado que a R envolve uma considerável quantidade de fenômenos, o que aconselha a escolha de um dado recorte. Doravante, vou concentrar-me na R como um um dos processos de gramaticalização, o da sintaticização. E como no modelo teórico aqui adotado o Léxico desempenha um papel primordial, selecionarei meus dados a partir da R de duas classes, o Nome e o Verbo.

Alguns quesitos gerais precedem minha análise.

(1) Quaisquer itens lexicais são passíveis de R ? Os dados mostram que sim. Na transcrição de uma entrevista com acadêmicos de Letras desta Universidade, gravada em 1996 pelos alunos de Língua Portuguesa VII C. Sawada, C.C. Borella, K.G. de Toledo, M. de Araújo e S.D. Paião, quantifiquei sintagmas repetidos e sintagmas não repetidos, apurando os seguintes percentuais de segmentos repetidos: SNs, 6%; SAdjs, 10%; SPs e SAdvs, 12%; SVs, 13%. Esses dados evidenciam, também, que a R não é um fenômeno quantitativamente expressivo. Apesar disso, ela revela particularidades do processamento verbal, como espero demonstrar.

(2) A R afeta indiferentemente o *dictum* e o *modus* sentencial? Os dados mostram que a R ocorre preferencialmente no *dictum*, deixando de lado o *modus*. E como se incluem-se no “modus” os advérbios sentenciais, essa constatação traz uma nova evidência em favor da hierarquia mais alta dos “hiperpredicadores” discutidos em Castilho e Moraes de Castilho (1990) e em Kato e Castilho (1991).

(3) Haverá alguma harmonia entre a R de constituintes funcionais da sentença e a R de constituintes do sintagma ? Constituintes à direita do núcleo do sintagma favoreceriam a repetição, tanto quanto os constituintes à direita do Verbo ? Pesquisas válidas para a sentença respondem pela afirmativa. Mas faltam indagações relativas à constituição dos sintagmas.

Passo a relatar meus achados relativos à R de Verbos e de Nomes.

## Repetição do Verbo

Em meus dados, os Verbos repetidos se distribuem por 60% de Rs idênticas, contra 40% de Rs alteradoras.

As ocorrências demonstraram como o falante administra o Verbo, desencadeando processos de estruturação argumental, estruturação temática, seleção de Tempo-Modo, e promovendo predicções de segundo grau. Examinarei sumariamente esses tópicos, que se constituem na verdade em um vasto plano de indagações ainda por desenvolver.

### R do Verbo e constituição da estrutura argumental

Sejam os seguintes exemplos:

(13)

<i>M eu</i>	<i>achei</i>	<i>ele</i>
<i>R eu</i>	<i>achei</i>	$\emptyset$ <i>superbom... assim...</i>

(LPVII, 1996)

(14)

<i>M aí você</i>	<i>tira</i>	<i>a gravata</i>
<i>R</i>	<i>tira</i>	<i>isso</i>

(D2 SP 62: 37)

(15)

<i>M</i>	<i>a criança</i>	<i>tem</i>	<i>uma casa</i>
<i>R1</i>		<i>tem</i>	<i>um jardim...</i>
<i>R2</i>		<i>tem</i>	<i>um quintal pra ela se expandir</i>

(D2 RJ 269)

Em (13), o Verbo da M subcategoriza um argumento interno, e na R agrega uma “mini-sentença” elidindo o argumento. O exemplo mostra a precedência do argumento interno sobre a “mini-sentença” quando se organizam estruturas desse tipo, pois a ordem de constituintes não poderia ser diferente, como se vê em:

(13a) \* eu achei superbom... assim... eu achei ele.

Em (14) e (15), a R do mesmo argumento cria o “efeito-lista” bastante comum na LF.

### R do Verbo e constituição da estrutura temática

Sejam os seguintes exemplos:

(16)

<b>M</b> tem gente que	tá	no quinto ano
<b>R1</b>	tá	
<b>R2</b>	tá	
<b>R3</b>	tá	deslocado também

(LPVII, 1996)

(17)

<b>M</b> L1 - eu também	passsei	para a segunda fase
<b>R1</b>	não passsei..	
<b>R2</b> aí... quando eu	passsei	aquí
(.....)	.....	(.....)
<b>R3</b> L2 - eu	passsei	na UNESP também... né
<b>R4</b> L1	passsou	na UNESP também?

(LPVII, 1996)

A análise das alterações da estrutura temática poderá revelar se há alguma hierarquia entre os papéis envolvidos, e se ao

longo das Rs os papéis temáticos de conteúdo mais concreto seriam substituídos por aqueles de conteúdo mais abstrato.

Em (16), *estar* seleciona na M um Locativo, substituindo-o por uma expressão atributiva na R. Esse trâmite recupera a caminhada diacrônica do Verbo *estar*, fornecendo uma evidência adicional à conhecida hipótese segundo a qual na LF o falante põe em convivência diferentes momentos históricos da língua. Em (17), nota-se que *passar* atribui papel Meta na Matriz, e Locativo, de R2 a R4, com a alteração do termo adjacente.

### Repetição do Verbo e seleção de Tempo-Modo

Sejam os seguintes exemplos:

(18)

	<i>a fazenda</i>	<i>era</i>	
<b>M</b>		<i>tinha</i>	
<b>R</b>		<i>teria</i>	<i>duas partes</i>

(DID SP 18: 30)

(19) [falando do crescimento desordenado das cidades]

<b>M</b> L1 - cidade que não	<i>dá</i>	<i>para ter planejamento</i>
<b>R1</b> L2 -	<i>dá</i>	
<b>R2</b>	<i>daria</i>	<i>né? é que não</i>

(D2 SP 343: 75-77)

As alterações de Modo-Tempo revelam que o falante seleciona para a M as flexões temporais estatisticamente mais frequentes, como o Presente do Indicativo em (19), o Pretérito Imperfeito do Indicativo em (18). Para o segmento repetido, ele seleciona as flexões comprovadamente mais raras, como o Futuro do Pretérito, nesses dois exemplos. O fato é particularmente significativo em (18), visto que o Imperfeito concorre regularmente com a forma em *-ria*. Esses exemplos permitem hipotetizar que haveria um ritmo preferido nas



Rs alteradoras de Modo-Tempo, e seria que do Modo real o falante se desloca para o Modo Eventual e Irreal, portanto, do mais concreto para o mais abstrato.

### R do Verbo e Predicação de Segundo Grau

A R do item lexical no eixo sintagmático, observada por Castro (1994), abre caminho a interessantes descobertas quando esse item é um Verbo. No exemplo (20),

(20)

<b>M</b>	<i>chega</i>	<i>imigrante</i>
<b>R1</b>	<i>chega</i>	<i>imigrante</i>
<b>R2</b>	<i>chega</i>	<i>imigrante</i>
<b>M e</b>	<i>crece</i>	
<b>R1 e</b>	<i>crece</i>	
<b>R2 e</b>	<i>crece</i>	
<b>M e ao mesmo tempo houve</b>	<i>o crescimento</i>	<i>das vias de circulação</i>
<b>R dentro da cidade não acompanha</b>	<i>esse crescimento</i>	<i>da população</i>

(D2 SP 343: 454-458)

a R idêntica de *chegar* e de *crescer* transforma os itens repetidos em predicadores qualitativos de segundo grau, visto que eles tomam por escopo o Verbo da M, provocando o efeito discursivo de ênfase. Com isto, o Verbo repetido assume pelo menos duas funções. Como predicador de primeiro grau, ele seleciona termos da esquerda para a direita, subcategorizando seu argumento. Como predicador de segundo grau, ele opera da direita para a esquerda, tomando por escopo o Verbo da M, intensificando suas propriedades intensionais.

## Repetição do Verbo e constituição de Perífrases

Na constituição das perífrases observa-se um ritmo que vai de Verbo Pleno para Verbo Auxiliar, como em (21), de Auxiliar para Pleno, como em (22), ou de Pleno para Auxiliado, como em (23). À semelhança da constituição das sentenças, encontramos também aqui um ritmo do em que uma classe “procura” por assim dizer, outra classe, recategorizando-se, dando origem às estruturas gramaticais:

(21)

<b>M</b> como é que	<i>pode</i>		
<b>R</b> como é que	<i>pode</i>	<i>ter</i>	
<b>R2</b>		<i>ter tido</i>	<i>idades</i>

(LP VII)

(22)

<b>M</b> ia fazer	<i>uma pesquisa de arquivo</i>
<b>R</b> ia	<i>até o arquivo</i>

(LP VII)

(23)

<b>M</b> esse negócio	<i>se repete</i>	
<b>R</b> ou	<i>acaba se</i>	<i>em qualquer</i>
	<i>repetindo</i>	<i>cidade</i>

(D2 SP 343: 104-105)

Nos exemplos abaixo, a R operou por subtração de expressões, omitindo-se em (24) e em (25) o Verbo Auxiliado; isto que recoloca a questão do estatuto categorial do Verbo Auxiliar.

(24)

<b>M</b> L1	<i>tem saído</i>	<i>ultimamente... de carro?</i>
<b>R1</b> L2 -	<i>tenho Ø</i>	
<b>R2</b> <i>mas você diz</i>	<i>sair</i>	<i>fora</i>
<b>R3</b>	<i>sair</i>	<i>normalmente para a escola?</i>
<b>R4</b>	<i>tenho Ø</i>	

(D2 SP 343: 2-6)

(25)

<b>M</b> L1 <i>você viu se</i>	<i>está gravando</i>	<i>direito aí?</i>
<b>R1</b> Doc -	<i>está Ø</i>	
<b>R2</b>	<i>está Ø</i>	<i>eu já deixo no automático</i>

(D2 SP 343: 8-9)

Observa-se nesses exemplos que a estrutura argumental da sentença é construída pelo Verbo Auxiliado, visto que, mesmo elidido, ele continua a determinar seus argumentos e adjuntos, e os termos que “sobrevivem” à omissão desse Verbo seguem ligados a ele, e não ao Auxiliar, como se pode ver pelas paráfrases inaceitáveis:

(24a) \* *tenho de carro*(25a) \* *está direito aí*

### Repetição do Nome

A R do Nome oferece pistas sobre a sintaticização da estrutura funcional da sentença. Os dados permitem chegar a algumas conclusões quanto ao lugar sentencial que favorece a R, e à hierarquia funcional que se pode surpreender nos Nomes repetidos.

### R do Nome e lugar sentencial

Bessa Neto (1991: 126) e Marcuschi (1992: 124) constataram que SNs situados à direita do Verbo são mais repetidos do que aque-

les à esquerda do Verbo. No primeiro trabalho, p. 126, reconhece-se que “(1) os itens lexicais repetidos ocorrem sempre em posição pós-verbal; (2) o verbo a que se seguem é predominantemente transitivo; (3) pertencem predominantemente à classe dos substantivos; (4) desempenham predominantemente a função sintática de objeto; (5) recobrem predominantemente referentes inanimados, e (6) ocorrem predominantemente num conjunto que abriga mais de duas orações”

Nossos dados confirmam essa tendência, de motivação funcional bastante óbvia. Essa constatação permite afirmar que a R é inversamente proporcional às rupturas da adjacência, vale dizer, à desativação de propriedades, descritas por Tarallo-Kato (1990, esp. pág. 47). Esses autores comprovaram que há maior freqüência de rupturas no espaço entre Suj. e Flex, e menor freqüência no espaço entre o Verbo e C0 e C1. Pode-se concluir que a baixa densidade informativa favorece a interrupção, ao passo que a alta densidade informativa favoreceria a repetição.

### R do Nome e reanálise da função sentencial

Sejam os seguintes exemplos

(26)

<b>M</b> por exemplo	poluição	
<b>R1</b> agora todo mundo fala	poluição	
<b>R2</b>	poluição	
<b>R3</b> o controle não dá	de poluição	
para haver controle (.....)	.....	.....)
<b>R4</b> quer dizer	poluição	visual.. auditiva

(D2 SP 343: 142-155)

(27)

<i>olha</i>		
<b>M</b>	<i>trem</i>	
<b>R1</b> <i>eu sou</i> <i>já</i>	<i>de trem</i>	
<b>R2</b> <i>eu acho</i>	<i>trem</i>	<i>assim...</i>
<b>R3</b> <i>eu</i> <i>escolheria</i>	<i>o trem</i>	
<b>R4</b>	<i>no trem</i>	<i>eu acho que</i> <i>há o</i> <i>repouso</i> <i>integral</i>
<b>R5</b>	<i>o trem</i>	<i>não tem</i> <i>mobilidade</i>
<b>R6</b>	<i>o trem</i>	<i>é mais</i> <i>estável</i>
<b>R7</b>	<i>o trem</i>	<i>tem a</i> <i>vantagem</i> <i>sobre o</i> <i>avião</i>
<b>R8</b> <i>eu vou</i> <i>tomar</i>	<i>o trem</i>	
<b>R9</b> <i>uma</i> <i>viagem</i>	<i>por trem</i>	<i>sempre</i> <i>repousou</i>

(D2 SP 255: 239-257)

(28)

<b>M</b> L2 - vamos dizer	<i>Ipanema...</i>	<i>então há um status de sociedade</i>
(.....)	.....	.....)
<b>R1</b> L1 <i>mas se bem que</i>	<i>de Ipanema</i>	
<b>R2</b> L2 - não... não é só	<i>Ipanema...</i>	<i>Copacabana... não</i>
<b>R3</b>	<i>Ipanema...</i>	
<b>R4</b> <i>acho que o problema tem</i>	<i>em Ipanema</i>	<i>é problema que...</i>

(D2 RJ 147: 327-332)

(29)

<b>M</b> <i>o cara procura</i>	<i>terapia</i>	
<b>R1</b> <i>ou digamos a cidade procura</i>	<i>uma terapia</i>	
<i>[porque chegou um ponto assim (...) bem tribal né?]</i>		
<b>R2</b> <i>mas não em termos</i>	<i>de terapia</i>	
<b>R3</b> L2 - <i>eu</i>	<i>a terapia</i>	<i>é um veículo de solução</i>

(D2 SP 343: 212-218)

(30)

	<i>química</i>	
<i>professor</i>	<i>de química</i>	<i>não tem</i>
<i>não tem</i>	<i>química</i>	
	<i>de química</i>	<i>não tem professor</i>
<i>o cara que gosta</i>	<i>de química</i>	
<i>fazer o curso</i>	<i>de química</i>	
<i>o cara quando quer fazer</i>	<i>química</i>	
<i>vai fazer engenharia</i>	<i>química</i>	
<i>ele vai pensando em trabalhar com engenharia</i>	<i>química</i>	

<i>eles já trabalham</i>	<i>em química</i>	<i>né?</i>
<i>já fizeram curso na OSI lá</i>	<i>de química</i>	<i>não sei</i>
<i>acho que é na OSI que faz curso</i>	<i>de química</i>	<i>sei lá</i>
<i>agora que eles estão fazendo Osvaldo Cruz...</i>		
	<i>química</i>	

(LPVII, 1996; exemplo recolhido por A. Mendes)

A R alteradora de Nomes ilustra o princípio da reanálise, e assim uma Construção de Tópico (CT) quando repetida exibe um papel temático e um estatuto argumental de que não dispunha antes. Em (8), a CT “*peixe*” assumiu a categoria de argumento interno do verbo “*comer*”. Em (26), a CT “*trem*” vai sendo recategorizada à medida que se repete: adjunto em R1, objeto direto em R2 e em R3, de novo adjunto em R4, sujeito em R5, R6 e R7 de novo objeto direto em R8 e adjunto em R9. Os exemplos (10) e (11) evidenciam o papel coesivo da R alteradora categorizadora: em (10), o item “*bloqueio*” passa de integrante do Rema na M a Tema na R, exemplificando o esquema do Tema Derivado. Blanche-Benveniste (1991: 178) associa a estas reanálises o que ela chama de “*glissements à gauche*”.

A R alteradora das funções sentenciais exibe um ritmo preferido, configurando a seguinte hierarquia funcional: Construção de Tópico > Argumento Interno [OD, OI, OBL] > Adjunto > Argumento Externo > Categoria vazia. Os exemplos (8) e de (26) a (30) documentam essa hierarquia.

### R de Verbos e Nomes

Finalmente, há curiosas ocorrências em que Verbos e Nomes se alternam aos pares, como em:

(31)

teve livros  
que eu caí na besteira de comprar  
mas teve livros  
que eu caí na besteira de comprar  
e eu notei o seguinte  
caí na besteira  
porque os livros nunca mais abri

(LPVII, 1996; exemplo recolhido por A. Mendes)

O esquema formal encontrado no exemplo (31) traz à memória as cantigas medievais portuguesas, como esta, de Martin Soares, recolhida sob número 974 no Cancioneiro da Vaticana:

(32)

Foy hun dia Lopo jogral  
a cas d'un infançon cantar  
e mandou-lhe ele por don  
dar tres couces na garganta,  
e fuy-lh' escasso, a meu cuydar,  
segundo como el canta.

Escasso foy o infançon  
em seus couces partir entom,  
ca non deu a Lopo enton  
mays de tres ena garganta,  
e mays mereç' o iogaron,  
segundo como el canta

Segundo Álvaro Júlio da Costa Pimpão, a canção paralelística é um “sistema expressivo que põe a descoberto os dois polos da arte – repetição e variação – e em que domina a repetição, elevada a princípio estruturador” A isto agrega Spina (1956): “característica da cantiga d'amigo na sua forma original, quase autóctone, o paralelismo apresenta-se sob diversas modalidades, o que vem dificultando sua classificação”: pág. 392 da terceira edição, de 1991.



Obviamente a intervenção do graduando em Letras não tinha o objetivo de “*apresentar mais uma modalidade*” Mas de todo modo, os séculos pesaram pouco para o poeta medieval e esse aluno, reunidos num mesmo impulso de criação lingüística, um voltado para a caracterização do próprio tédio, e o outro divertindo-se à custa do jogral Lobo. O certo é que por cima deles e por cima de todos nós reina a Língua Portuguesa com seus mistérios, língua que ao fim e ao cabo mais nos une do que nos separa.

## CONCLUSÕES

Comparei neste trabalho a posição teórica do Projeto de Gramática do Português Falado com a de projetos similares, mostrando que há uma preocupação comum entre os pesquisadores, no sentido de caracterizar essa modalidade como um conjunto de processos, mais salientes que seus produtos. Mostrei também que no presente momento do debate teórico busca-se identificar os processos constitutivos da LF.

Sustentei que a Gramaticalização pode ser encarada como um desses processos, e destaquei a importância da Repetição como um dos gatilhos da gramaticalização.

Centrada a análise no quadro da Gramaticalização, o exame da R de Verbos e Nomes evidenciou o seguinte:

(1) Como um dos recursos da sintaticização, a R concorre para a formatação da estrutura sintagmática e da estrutura funcional da sentença. No primeiro caso, ela recategoriza a classe do Verbo, levando-o a alternar nos enunciados como Verbo Pleno e como Verbo Auxiliar. Além disso, a R funciona no apagamento de constituintes, operando da esquerda para a direita, e na adição de constituintes, invertendo essa orientação. No segundo caso, a R ordena as funções sentenciais segundo uma hierarquia previsível.

(2) Quanto aos procedimentos semânticos que acompanham a gramaticalização, a R fornece indícios de uma translação da significação concreta para a abstrata, constatada no exame da estru-

tura temática da sentença e na seleção de Tempo-Modo. Mostrou-se também que o Verbo repetido desencadeia uma predicação de primeiro grau, operando da esquerda para a direita, e uma predicação de segundo grau, em que se inverte essa orientação.

(3) Finalmente, os exemplos aduzidos confirmam alguns dos princípios gerais que regem a gramaticalização. A mudança de função decorre da *reanálise* de sintagmas, desencadeada por sua repetição. É uma vez que principiamos a montar a estrutura funcional da sentença, há um ritmo *unidirecional e contínuo* que vai das estruturas menos ligadas, como as Construções de Tópico, até as mais ligadas, como os Argumentos. São muito raros os processos inversos, em que estruturas discursivamente orientadas, com escassa conexão sintática, resultem da reanálise via R de estruturas ligadas. Igualmente rara é a descontinuação desse processo de categorização funcional.

É preciso reconhecer que há domínios em que a R não desempenha um papel visível. Com isto, a LF fornece boas evidências para a teoria das motivações em competição, formulada por DuBois (1985). Por outras palavras, ao interagir, o falante se desloca das “escolhas” mais ou menos livres de materiais lingüísticos, que configuram o “Funcionalismo transparente” de DuBois, para as “determinações” impostas pela estrutura de sua língua, lugar do “Estruturalismo autônomo”

Ora, as teorias lingüísticas oscilam o tempo todo entre esses polos. Como na fábula, lingüistas com vendas nos olhos apalpam o elefante, e arriscam descrições e generalizações sobre o bicho, fundamentadas sempre numa inevitável visão parcial de seu objeto. Tinham razão meus Mestres da USP, Theodoro Henrique Maurer Jr. e Isaac Nicolau Salum quando me ensinaram a evitar uma adesão muito confiante a uma só teoria...

## BIBLIOGRAFIA

BESSA NETO, Regina Stela 1991. *A Repetição Lexical em Textos Narrativos Oraís e Escritos*. Belo Horizonte, UFMG, Diss. de Mestrado.

- BLANCHE-BENVENISTE, Claire et alii 1979. Des grilles pour le français parlé, *Recherches sur le français parlé 2*: 163-208.
- \_\_\_\_\_. Deulofeu, José - Stefanini, Jean - Eynde, Karel van den 1984. *Pronom et Syntaxe. L'approche pronominale et son application à la langue française*. Paris, SELAF
- \_\_\_\_\_. 1985. La dénomination dans le français parlé: une interprétation pour les répétitions et les hésitations, *Recherches sur le français parlé 6*: 109-130.
- \_\_\_\_\_. 1990. Répétitions lexicales. In C. Blanche-Benveniste Éd. 1990. *Le Français parlé: études grammaticales*. Paris, CNRS, pp. 176-180.
- BRAGA, M.L. 1990. A Repetição na Língua Falada. Seminário do GT de Análise da Conversação, ANPOLL, Belo Horizonte, inédito.
- \_\_\_\_\_. 1994. Sentenças clivadas e reiteração. Rio de Janeiro, UFRJ, inédito.
- CAMACHO, R.G. 1996. A Repetição nas Estruturas Coordenadas Aditivas. Com. ao GT da Comissão de Lingüística Portuguesa do XI Congresso Internacional da ALFAL, inédito.
- CASTELEIRO, J. M. 1975. Aspectos da Sintaxe do Português Falado no interior do país. *Boletim de Filologia 14* (1-4), 57-74.
- CASTILHO, Ataliba T. de 1989. Da Análise da Conversação para a Análise Gramatical, *Estudos Lingüísticos 18*: 14-20 [Anais do GEL].
- \_\_\_\_\_. 1990a. O Português Culto Falado no Brasil: História do Projeto NURC/Brasil, em D. Preti e H. Urbano Orgs. 1990, pp. 141-202.
- \_\_\_\_\_. 1990b. Apresentação do Projeto de Gramática do Português Falado, em A.T. de Castilho Org. 1990, pp. 7-28.
- \_\_\_\_\_. 1993a. *A Predicação Adverbial no Português Falado*. Tese de Livre-Docência apresentada á Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. 1994. Problemas de Descrição da Língua Falada, *DELTA 10* (1): 47-71.
- \_\_\_\_\_. 1995a. A Língua Falada e sua Descrição, em *Para Segismundo Spina: Língua, Filologia, Literatura*. São Paulo, EDUSP/Iluminuras, pp. 69-90.
- \_\_\_\_\_. 1995b. Conversação e Gramática, inédito.
- \_\_\_\_\_. 1995c. Para uma Gramática do Português Falado, em *Miscelânea de Estudos Lingüísticos, Filológicos e Literários, In Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 79-102.

CASTILHO, Ataliba T. 1996a. A Gramaticalização, em *Estudos Lingüísticos e Literários* [UFBa], no prelo.

\_\_\_\_\_. Org. 1990. *Gramática do Português Falado*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. I.

\_\_\_\_\_. Org. 1993. *Gramática do Português Falado*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. III.

CASTILHO, Ataliba T. de e Preti, Dino Orgs. 1986, 1987. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. São Paulo, TAQueiroz/FAPESP, vol. I, Elocuções Formais; vol. II, Diálogos entre dois informantes.

CASTILHO, Ataliba T de e Moraes de Castilho, Célia Maria 1990. Advérbios Modalizadores, em R. Ilari Org. 1992. *Gramática do Português Falado*. Campinas, Editora da UNICAMP, vol. II, pp. 213-260.

CASTILHO, Ataliba T. de e Basílio, Margarida, Orgs. 1996. *Gramática do Português Falado*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. IV.

CASTRO, Vandarsi S. 1994. Um caso de repetição no português, *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 27: 85-101.

DIAS DE MORAES, L.C. 1987. *Nexos de Coordenação na Fala Urbana Culta de São Paulo*. São Paulo, USP, Tese de Doutorado, inédita.

DIK, S. 1989. *The Theory of Functional Grammar*. Part I: The Structure of the Clause. Dordrecht, Foris Publications.

DUBOIS, John W. 1985. Competing Motivations. In J. Haiman Ed. 1985. *Iconicity in Syntax*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Co., pp. 343-365.

DUTRA, Rosália 1990. A repetição oracional como elemento de coesão nas narrativas orais: estrutura e entoação. Belo Horizonte, Seminário do GT de Análise da Conversação, ANPOLL, inédito.

FRANCHI, C. 1976. *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. Campinas, UNICAMP, Tese de Doutorado, 2 vols., inédita.

\_\_\_\_\_. 1991. Concepção de E-Gramática. Conferência pronunciada no Dep. de Lingüística da UNICAMP, inédita.

GALEMBECK, Paulo T. et alii 1990. O Turno Conversacional, em Preti, Dino e Urbano, Hudinilson (Orgs. 1990), pp.

\_\_\_\_\_. 1993. O Turno Conversacional, em Dino Preti (Org. 1993), pp. 55-79.

HILGERT, José G. 1989. *A Paráfrase*. São Paulo, Tese de Doutorado, USP.

- HILGERT, José G. 1993. Procedimentos de Reformulação: a Paráfrase, em Dino Preti et alii Org. 1993, pp. 103-128.
- HOPPER, P.J. 1988. Emergent grammar and the a priori grammar postulate, em D. Tannen Ed. *Linguistics in Context: connecting observation and understanding*. Norwood, Ablex, pp. 117-134.
- ILARI, Rodolfo Org. 1992. *Gramática do Português Falado*. Campinas, Editora da UNICAMP, vol. II.
- KATO, Mary. 1996. Da autonomia teórico-metodológica na pesquisa para uma desejada convergência na concepção do produto. In M. Kato Org. 1996. *Gramática do Português Falado*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. V. pp. 9-32.
- \_\_\_\_\_. e Castilho, Ataliba T. de 1991. Advérbios Modalizadores: um novo núcleo predicador? *DELTA* 7 (1): 409-423.
- KOCH, Ingedore G.V. 1990. Reflexões sobre a repetição. Belo Horizonte, Seminário do GT de Análise da Conversação, ANPOLL, inédito.
- \_\_\_\_\_. 1992. A Repetição como um mecanismo estruturador do texto falado. Campinas, UNICAMP, 26 pp., inédito.
- MARCUSCHI, Luiz A. 1986. *Análise da Conversação*. São Paulo, Ática.
- \_\_\_\_\_. 1988. Análise da Conversação e Análise Gramatical, *Boletim da ABRALIN* 10: 1991, 11-34.
- \_\_\_\_\_. 1992. *A Repetição na Língua Falada. Formas e Funções*. Recife, UFPe, Tese de Concurso para Professor Titular.
- MAURO, T. Di. 1994. *Come parlano gli italiani*. Firenze, La Nuova Italia.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria 1991. *Os Delimitadores no Português Falado no Brasil*. Campinas, UNICAMP, Diss. de Mestrado.
- MORRIS, C.W. 1938. *Foundations of the Theory of Signs*. Chicago, The University of Chicago Press.
- NASCIMENTO, M. 1993. Gramática do Português Falado: articulação teórica. Texto inédito apresentado ao Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa.
- NEVES, Maria Helena de M. e Braga, Maria L. 1996. Padrões de repetição na articulação de orações. Com. ao GT de Lingüística Portuguesa do XI Congresso Internacional da ALFAL, inédito.
- OLIVEIRA, Mariângela R. de. 1994. *Repetição em Diálogos*. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutorado.

- ONO, T. and Thompson, S.A. 1994. What Conversation can tell us about Syntax ? Im Philip W. Davis Ed. *Descriptive and Theoretical Modes in the Alternative Linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, no prelo.
- PERINI, Mário A. 1980. A função da repetição no reconhecimento de sentenças. *Ensaio de Lingüística* 3: 111-123.
- PESSOA DE BARROS, Diana L. 1993. Procedimentos de Reformulação: a Correção, em Dino Preti et alii Orgs. 1993, pp. 129-156.
- PEZATTI, E.G. 1996. A Repetição por meio do juntivo *ou*. Com. ao GT de Lingüística Portuguesa do XI Congresso Internacional da ALFAL, inédito.
- PRETI, Dino e Urbano, Hudinilson Orgs. 1988, 1990. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, São Paulo, TAQ/FAPESP, vol. III, Diálogo entre o informante e o documentador (1988), vol IV, Estudos (1990).
- PRETI, Dino et alii Orgs. 1993. *Análise de Textos Oraís*, 2a. ed. São Paulo, FFLCH/USP, 1995.
- RAMOS, Jânia 1984. *Hipóteses para uma Taxonomia das Repetições no Estílo Falado*. Belo Horizonte, Diss. de Mestrado, UFMG.
- SACKS, H. Schegloff, E.A. - Jefferson, G. 1974. A Simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language* 50 (4), 696-735.
- SORNICOLA, R. 1994. Quattro dimensioni nello studio del parlato, em T. De Mauro Ed. 1994, pp. 111-130.
- SPINA, S. 1956. *A Lírica Trovadoresca*, 3a. ed.. São Paulo, EDUSP, 1991.
- TARALLO, Fernando e Kato, Mary 1990. Rupturas na Ordem de Adjacência Canônica no Português Falado, em A.T.Castilho Org. 1990. *Gramática do Português Falado*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, pp. 29-62.
- TRAVAGLIA, Luiz C. 1989. Considerações sobre a repetição na língua oral e na conversação, *Letras & Letras* 5 (1-2): 5-61.